



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



**CULTURA  
ACADÊMICA**  
*Editora*

## Introdução

Mariana Claudia Broens  
Carmen Beatriz Milidoni

**Como citar:** BROENS, M. C. ; MILIDONI, C. B. Introdução. *In:* BROENS, M. C. ; MILIDONI, C. B. (org). **Sujeito e identidade pessoal – Estudos de Filosofia da mente**. Edição. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2003. Piii-viii. DOI: <http://doi.org/10.36311/2003.85-7139-518-7.piii-viii>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## INTRODUÇÃO

O estudo das noções de sujeito e de identidade pessoal remonta às origens da investigação filosófica. Nossa condição de sujeitos dotados de uma racionalidade consciente, auto-consciente e constitutiva de uma identidade foi abordada a partir de inúmeras perspectivas teóricas ao longo do tempo. Diferentes filósofos ressaltaram ora o papel de supostas idéias *a priori* na constituição da subjetividade, ora destacaram a importância da experiência perceptual nessa constituição. Muitos deles privilegiaram as capacidades cognitivas capazes de conceber a noção de alteridade ou, ainda, enfatizaram a importância cognitiva da linguagem comum como ‘construtora’ da subjetividade, só para citar algumas dessas perspectivas. Nesse contexto, a inquietação a respeito de como pode um sujeito ser considerado idêntico a si mesmo ao longo do tempo surge como um problema filosófico dos mais relevantes. Tal indagação se impõe, em especial, quando consideramos suas implicações éticas e psicossociais, uma vez que as propriedades corpóreas e os conteúdos mentais do sujeito se alteram no decorrer de sua vida.

As concepções de sujeito e de identidade constituem temas clássicos constantemente relocalados e que têm sido tratados com renovado interesse por estudiosos de Filosofia da Mente, particularmente à luz das investigações que as Ciências Cognitivas têm realizado. No projeto de pesquisa cognitivista, a concepção dualista de sujeito inspirada na tradição cartesiana é alvo de

questionamento. Em tal tradição, o sujeito do conhecimento (cuja existência é indubitável e cujo principal atributo consiste em ser pensamento puro) é o portador da identidade do indivíduo. Segundo Descartes, é o exercício de uma reflexão introspectiva a respeito da natureza do *eu* que permitirá ao sujeito se reconhecer como “substância pensante” e construir sua identidade num processo de auto-conhecimento de primeira pessoa (o “*eu penso*”, “*eu sou*”, “*eu existo*”). Desse processo surge uma relação de co-implicação entre *sujeito* e *eu*, já que o *eu* remete imediatamente ao *sujeito*. Tal *sujeito-eu* possui uma identidade, um núcleo fixo que permanece ao longo das experiências pessoais.

Em se tratando da concepção cartesiana de sujeito, a presença de uma identidade não é imediatamente problemática: a identidade desse *eu* encontra-se na essência imutável do sujeito, isto é, em sua alma. A essência do sujeito permanece idêntica a si mesma, independentemente das mudanças ocorridas nos atributos contingentes do corpo. O problema coloca-se especialmente quando não se admite uma concepção dualista de sujeito - como parece ser obrigatório atualmente -, isto é, quando se adota uma perspectiva incompatível com a noção de uma substância pensante distinta do corpo.

A concepção cartesiana de sujeito é, pois, fortemente questionada pela Filosofia da Mente (seja ela estritamente materialista ou que considere o caráter informacional e/ou intencional dos processos mentais) em que o *sujeito-eu* perde seu caráter de instância subjacente e automatizada com relação às experiências pessoais. Nesta perspectiva, postula D. Dennett, por exemplo, que o *sujeito* é um sistema intencional com certas propriedades, dentre as quais destacamos a capacidade de adotar a postura intencional, e isto por parte também de entidades que não são humanas. Rompe-se, nesta perspectiva, a co-implicação entre *sujeito* e *eu* presente na tradição cartesiana.

Por isso, é possível questionar se - e em caso afirmativo como - pode a pessoa ser detentora de uma identidade pessoal na medida em que ela é concebida como estando em interação dinâmica com o meio circundante (passível de mudanças de toda ordem, desde climáticas até culturais). G. Ryle e D. Parfit, por exemplo, sustentam

que a identidade pessoal seria, no máximo, tributária da memória e da capacidade para se projetar em termos de futuro, e não algo que se “possui” como se fosse uma entidade autônoma. Em especial, aponta Ryle que o *eu* é um mero deíctico, uma categoria lógico/gramatical de auto-referência.

Em suma: muitos filósofos admitem que pode haver *experiências subjetivas*, mas não que haja necessariamente um *sujeito da experiência*. Disto decorre que não haveria um *sujeito* que seria *o mesmo* ao longo de toda a sua vida. Nesse contexto de controvérsias é que se situam os capítulos que compõem as três partes em que foi dividido o presente livro.

A primeira parte é dedicada a uma retomada histórico-crítica da noção de subjetividade e de identidade na concepção de autores de diferentes períodos da história da filosofia. A segunda, por sua vez, volta-se à investigação do conceito de sujeito e de identidade pessoal na perspectiva da Filosofia da Mente e das Ciências Cognitivas. Estas possuem um caráter perspectivista, interdisciplinar, que incorpora contribuições da Filosofia, da Biologia, da Psicologia Cognitiva, da Computação, da Lingüística e das Neurociências para o estudo dos processos mentais. A terceira parte, por fim, investiga o conceito de pessoa na filosofia contemporânea e o de identidade no contexto da Filosofia da Ação e da Psicologia. O conceito de pessoa é estudado a partir das colocações de filósofos consagrados na área de Filosofia da Mente, como Strawson e Chisholm e, em se tratando da identidade psicológica da pessoa, são enfatizadas as contribuições de Freud e de psicólogos sociais contemporâneos.

Os estudos histórico-filosóficos que inauguram a primeira parte deste livro são iniciados por Maria Carolina Alves dos Santos com o texto intitulado *Sujeito e essência na filosofia de Platão*. A autora retoma dois momentos da sistematização da noção de alma que Platão propõe e os articula no contexto da teoria das formas, da dialética e das teses centrais da política, procurando mostrar em que termos emergiria ali uma noção de sujeito.

Em seguida, Carlos Oliveira ressalta, no texto *Lógica e Conhecimento: alguns aspectos da filosofia de Guilherme de Ockham a partir da consideração de Sujeito e de Essência*, as possíveis

contribuições para os estudos contemporâneos da subjetividade legadas pela perspectiva nominalista proposta por Ockham na caracterização do sujeito enquanto fenômeno lógico-lingüístico.

Na seqüência das investigações histórico-filosóficas apresentamos o texto de Jonas Gonçalves Coelho, *Bergson: identidade e memória*. A partir de algumas teses bergsonianas estratégicas, o autor destaca a importância da percepção (externa da alteridade e interna do próprio corpo) para a apreensão e desenvolvimento de uma consciência da unidade que constitui a pessoa e sua identidade enquanto tal.

Fechando esta primeira parte, o estudo de João Queiroz, *Sobre as noções de consciência e self para C. S. Pierce*, retoma inúmeras definições e caracterizações gerais dos conceitos de consciência e de *self* em vários campos do saber científico e filosófico contemporâneo contrapondo-os a teses propostas por Pierce na perspectiva semiótica.

A segunda parte do livro, dedicada a estudos do problema da identidade pessoal e da noção contemporânea de sujeito na Filosofia da Mente e nas Ciências Cognitivas, inicia-se com o texto *Da identidade biológica à identidade pessoal*, de Renato Schaeffer. Neste estudo, o autor considera a identidade pessoal como uma notável espécie de identidade biológica entendida enquanto 'informação auto-instanciadora'.

No texto *A identidade pessoal e a Teoria da Cognição Situada e Incorporada*, Willem (Pim) Ferdinand Gerardus Haselager e Maria Eunice Quilici Gonzalez destacam a relevância da sinestesia e da propriocepção para o desenvolvimento do *self*. Para isso, questionam algumas teses que, contrariando a perspectiva sistêmica, realçam a função cognitiva do cérebro em detrimento do papel desempenhado pela relação dinâmica que o corpo estabelece com o meio.

Em seguida, Mariana Claudia Broens, no trabalho intitulado *Sujeito, Teoria da Auto-Organização e identidade pessoal*, retoma o conceito cartesiano de sujeito e seu correlato metodológico, investigando o procedimento analítico cartesiano numa perspectiva

crítica. Em seguida, postula a relevância da Teoria da Auto-Organização e da perspectiva sistêmica como pontos de partida ontológico e epistêmico, respectivamente, para uma redefinição da subjetividade e uma possível via para os estudos sobre a identidade pessoal.

Fechando esta segunda parte, encontramos o texto de Paula Mousinho Martins, intitulado *Sujeito e identidade pessoal na hermenêutica de Davidson*. A autora investiga a questão da identidade pessoal a partir das críticas que Davidson dirige à concepção cartesiana de sujeito ao mesmo tempo em que ele postula seu monismo anômalo e busca preservar a autoridade de primeira pessoa.

A terceira parte deste livro, por fim, dedicada ao estudo do conceito de pessoa, apresenta primeiro o texto *A concepção externalista de pessoa*, de André Leclerc. Nele, o autor investiga diferentes concepções de *pessoa* e procura ressaltar que o que efetivamente caracteriza uma *pessoa* é sua condição de *agente* dotado de capacidades de interagir com habilidade no ambiente natural e social.

A seguir, no trabalho intitulado *Considerações acerca do conceito de pessoa*, Maria Clara Dias apresenta, em primeiro lugar, a caracterização do conceito de pessoa fornecida por Strawson como solução para o problema tradicional da relação mente/corpo. Na medida em que tal caracterização se revela incompleta, a autora investiga a tese de Frankfurt segundo a qual o conceito de vontade livre deve ser considerado como o critério decisivo para caracterização de uma pessoa. Aceitando, com Frankfurt, que apenas entidades às quais atribuímos liberdade podem ser consideradas como pessoas, a autora mostra que o aspecto crucial para a distinção entre pessoas e outras entidades não é fornecido pelo conceito de vontade livre, mas pela nossa compreensão de liberdade como auto-determinação.

No texto *Identidade pessoal: papel social e auto-engano valorativo*, Antonio Trajano Menezes Arruda investiga a importância dos fatores psicossociais em diversas pesquisas sobre o tema da identidade pessoal. Argumenta o autor que os casos de ocorrência de auto-engano valorativo comprometem seriamente, e até destroem, elementos da identidade pessoal.



Por fim, encerrando este livro, apresentamos a trabalho de Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto, intitulado *Identidade psicológica, auto-organização, inconsciente e o sujeito*. Em seu texto, o autor tem como objetivo relacionar o conceito de auto-organização com a idéia de identidade psicológica a partir de uma leitura da psicanálise de Freud de modo a esboçar uma teoria psicanalítica pautada nos princípios da auto-organização.

Esperamos que os estudos apresentados neste livro possam contribuir com a investigação nas áreas de Filosofia da Mente e de Ciências Cognitivas, ainda incipientes no Brasil, mas que, progressivamente, vêm despertando o interesse daqueles que consideram relevante o diálogo interdisciplinar com diversos campos do conhecimento científico e filosófico.

*Mariana Claudia Broens  
Carmen Beatriz Milidoni*